

CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO DE MUSEOLOGIA PARA A PESQUISA DEYROLLE

DANILO AMPARO RANGEL¹; MARINÊS GARCIA²; DIEGO LEMOS RIBEIRO³

¹*Universidade Federal de Pelotas – drangeldanilo@gmail.com*

²*Universidade Federal do Rio Grande do Sul – marinesgarcia.botanica@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – dlrmuseologo@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo visa discorrer sobre como o ensino em graduação, particularmente em Museologia, serve de contributo aos procedimentos de formação de um pesquisador, a partir de uma determinada pesquisa, tendo como subsídios as disciplinas de Comunicação em Museus, Documentação Museológica e Botânica pertencentes à matriz curricular do curso de bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas. E em um movimento reverso e retroalimentado, a pesquisa em questão retorna como na forma de estudo de caso em sala de aula.

A pesquisa que catapultou essa reflexão tem como estopim a proposta de uma docente, Profa. Marinês Garcia, vinculada ao Departamento de Botânica do Instituto de Biologia da UFPel, e colaboradora do Curso de Museologia, quando em aula inaugural oferecida aos calouros deste curso, em 2015, sugere investigar um artefato enigmático presente em seu departamento de origem. O artefato, que inicialmente presumia-se ser uma “estufinha”, não possuía qualquer história ou informação associada, e repousava anônima há mais de 15 anos no canto de um laboratório de aulas práticas. Além de sua forma peculiar, em sua materialidade constava apenas uma pista a ser seguida: inscrições em uma chapa de metal no topo da caixa, com o nome do fabricante.

Desta forma, com curiosidade pelo tema, os autores do texto iniciam uma longa jornada visando desvendar os mistérios que este objeto carrega consigo. Sendo pertinente comentar que a pesquisa tem em seu início a vontade de saber atrelada a orientação dos docentes, mas ainda sem a base teórica das disciplinas de Documentação, Comunicação e Botânica que seriam cursadas pelo pesquisador no decorrer da graduação.

Dito isso, cabe contextualizar a investigação, que se propõe, desde seu início, a encontrar indícios do uso deste objeto. O caminho escolhido tem afinidade com a ideia de biografia social das coisas, e é alicerçada no pensamento de KOPYTOFF:

De onde vem a coisa e quem a fabricou? Qual foi sua carreira até aqui, [...] Quais são as “idades” ou as fases da “vida” reconhecidas de uma coisa, [...] Como mudam os usos da coisa conforme ela fica mais velha, e o que lhe acontece quando a sua utilidade chega ao fim? (KOPYTOFF, 2008, p 91).

Busca-se na pesquisa, respaldados em Kopytoff, compreender as fases de vida desse artefato e como foi parar no local em que a encontramos, por quais motivos e o principal: por quem? Ao tentar recompor essa trajetória busca-se descortinar quais foram as motivações que levaram as pessoas a “preservarem” o artefato, dando a ele destino diferente de outros objetos que, ao perderem o uso utilitário, encontram o mesmo endereço: o lixo. Em outros termos, buscamos investigar os processos de singularização desse artefato, compreendendo que o

artefato científico, segundo LOURENÇO E GESSNER (2014), no contexto de instituições científicas, atravessa ao menos 3 grandes fases: 1. o chamado “regular use”, que se refere ao uso para o qual foi concebido e adquirido; 2. a fase de “limbo”, em que objeto se torna obsoleto ou são substituídos por outros mais modernos; 3. designada “eliminação”, em que o artefato é considerado inútil e é removido para outro lugar, seja ele o lixo ou a coleção de um museu. O objeto em questão está entre as fases 2 e 3, visto que são obsoletos do ponto de vista de uso inicial, localizados em um limbo (o laboratório). Conforme os mesmos autores supracitados referenciam: estão entre a vida e a morte. Talvez, ao cabo da pesquisa, o artefato pode entrar em sua terceira fase, esquivando-se do lixo, para ganhar um destino mais nobre: uma coleção de museu.

Durante os dois anos de pesquisa do artefato várias transformações aconteceram a partir das novas possibilidades apresentadas pela investigação, como o ingresso de outros objetos semelhantes na pesquisa, que são de origem idêntica, ou que foram utilizados na mesma época e para os mesmos fins que a “estufinha”, o ensino e a pesquisa. E além disso, a contribuição do ensino da graduação, que através das disciplinas de Documentação Museológica, Comunicação em Museus e Botânica propiciaram a base teórica para tal investigação, ou ainda, cabe observar que a investigação tem o potencial de proporcionar a oportunidade da prática a esses conhecimentos trabalhados nas disciplinas.

Todas as disciplinas, e toda a formação da graduação possuem contributos que serão citados no desenvolvimento deste trabalho. Mas, para além disso, cabe tratar dos conceitos sobretudo de duas delas, encontrando na disciplina de Documentação Museológica I e II, o arcabouço teórico, baseado em CHAGAS (1994), sobre como um objeto se constitui documento, no instante em que “sobre ele lançamos o nosso olhar interrogativo; [...] que perguntamos que relação manteve com determinados atores e conjunturas históricas etc.”

A disciplina de Comunicação em Museus orienta o discente a perceber uma questão central em relação aos objetos: o objeto não é informação, e sim uma informação em potência, que poderá se transformar em informação/conhecimento quando percebido e significado pelo espectador. O objeto sozinho, isolado de seu contexto, é insignificante (no sentido de gerar significado). É justamente por isso, segundo MENESSES (1998), que é inócuo buscar o sentido dos objetos nos objetos, quando o valor é algo que lhe é externo e dependente de um contexto. É a informação associada que investe o objeto de sentido. Na pesquisa em questão, e respaldados pela disciplina de Comunicação, busca-se justamente (re)conectar o artefato às teias de sentidos e aos percursos que o legaram ao seu lugar atual: um objeto anônimo “perdido” em um laboratório de aulas práticas. Almeja-se, como resultado do percurso dessa pesquisa, que o objeto anônimo (incomunicante) transforme-se em objeto-memória (comunicante).

2. METODOLOGIA

O projeto é de natureza exploratória, amplo ao adotar vários métodos, sobrevoando sob metodologias da arqueologia e da antropologia, através de amplo processo de prospecção e da biografia dos objetos, tendo nele a pesquisa bibliográfica como principal fonte ao que tange buscas em artigos, dissertações e teses analisadas que tratam do assunto; também possui caráter documental pela análise de documentos em bancos de dados online, ou presentes na Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel e em oportunidades pontuais utiliza-se de entrevistas a pessoas que tenham algum contato com o objeto pesquisado.

Sendo assim, os processos supracitados, possuem cronogramas de execução distintos que os separam entre atividades que já ocorreram e estão por dar-se. Nesta ordem, as entrevistas já ocorreram, por contato telefônico ou pessoalmente. E todos outros processos vêm se desenvolvendo em diferentes níveis, tendo concomitantemente a busca por dados em sítios na internet, de bibliotecas e museus e a análise destes como principal foco atualmente. Os suprimentos para o desenvolvimento da pesquisa são principalmente equipamentos de busca e de registro, como caderno de campo e computadores conectados à rede.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa *in loco* ao artefato revela a inscrição talhada em uma chapa de metal dourada no objeto, a “estufinha”, tendo o grupo de pesquisadores recorrido a rede mundial de computadores na busca de informações quanto e este possível fabricante, conforme a chapa “DEYROLLE PARIS”. A busca recupera vários links referentes ao atualmente museu, mas o utilizado como fonte de informação neste primeiro momento de busca foi o do site¹ do Deyrolle. Que em seu conteúdo relata-nos que é fruto da empresa Les Fills d’Émile Deyrolle, fabricante de instrumentos para uso em pesquisa e ensino nas áreas de botânica, zoologia, química e física além da taxidermia, a partir de 1831.

Ainda, cabe mencionar que no momento de visita à estufa no laboratório de aulas práticas tem-se conhecimento da existência de outros objetos fabricados pela mesma firma, sendo identificados pela mesma chapa, são eles representações de inflorescências e de processos de germinação. Com isso se percebe o potencial educativo desses materiais, o que é confirmado em entrevista realizada em 2017 com o professor aposentado, que trabalhou no departamento de botânica, José da Costa Sacco. Segundo o professor esse material era utilizado para fins didáticos, mas com relação a estufa afirma que o seu uso era desconhecido, dando sugestões de possível investigação no setor de fitopatologia.

Outra investida deu-se no contato com a atual empresa Deyrolle, que hoje já não é mais propriedade da família de mesmo nome, e que sofreu grave incêndio no ano de 2008, ocasionando na perda total de seu acervo. O e-mail enviado indagava a empresa quanto a informações sobre a estufa e ao material didático, e teve como resposta a surpresa da empresa em saber da existência ou sobrevivência, até os dias de hoje, desse material em mais um lugar do mundo e menciona a recorrência de pedidos de informação quanto a origem deste objetos, mas que infelizmente não saberiam precisar nada a respeito dos materiais, dando como dia o possível período de fabricação entre os anos 1870 e 1960.

Mais desdobramentos importantes ocasionados deram-se com a ligação destes objetos ao fortalecimento da Escola Eliseu Maciel, criada em 1883 conforme MAGALHÃES, (1972). Através do qual a pesquisa teve melhor direcionamento quanto aos períodos e uso dos objetos, e sobretudo a possíveis atores desta compra e contexto de uso.

Sendo assim as consultas nos buscadores online direcionam-se ao uso de palavras-chave referentes a materiais didáticos e instrumentos científicos em português, inglês e espanhol, que recuperam textos de artigos, dissertações e teses nacionais e internacionais que tratam desses objetos em escolas e universidades originárias de liceus do final do século XIX.

E dentre estes, também, museus físicos e virtuais que possuem esses objetos em exposição. Buscas que também recuperaram, em sites de bases de

dados de livros antigos², no site da biblioteca nacional da França³, e no museu Cabrera Pinto⁴, alguns catálogos produzidos pela empresa, e especificamente no catálogo de 1931, o “*Instrumements pour le sciences naturelles. Recherches, Classement, Préparation. Travaux de laboratoire*” que possui a representação da estufinha investigada, que conforme tradução livre, seria forno de germinação ou germinadora, com porta cheia, suportes móveis e termômetro, diferenciando-se da “estufinha”, agora germinadora, da UFPel pela posição do respirador na parte inferior e ausência de termômetro.

Outro desdobramento dá-se pela descoberta da existência de outros objetos na Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, fruto da citada Escola Eliseu Maciel de 1883, que possui, atualmente, materiais didáticos e instrumentos científicos Deyrolle e de outros fabricantes, todos separados em contextos de guarda de objetos antigos, em vários armários de laboratórios de diversas áreas da Agronomia.

4. CONCLUSÕES

Sendo assim, a investigação, longe de chegar a seu fim, apresenta-se como grande oportunidade a contribuir com a formação do pesquisador enquanto graduando, tendo este a partir da provocação e do escopo das disciplinas mencionadas a oportunidade de desenvolver sua pesquisa, e para além disso, compreender estes objetos em investigação ainda inseridos em seus contextos de vida, sejam eles de pós vida utilitária ou não, e até julgados como esquecidos ou não, o que para esta pesquisa não possui o mesmo peso, pois estes representam “os restos de uma vida, de um mundo, ou de um sonho, saído do caráter voraz das especulações da produção e do consumo de mercadorias” DEBARY (2017).

1 Disponível em: <https://www.deyrolle.com/>

2 Disponível em: <https://archive.org/details/CatalogueDeMicrographieLesFilsDemileDeyrolle>

3 Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/rechercher.do?motRecherche=deyrolle>

4 Disponível em: <http://museocabrerpinto.es/blascabrera/fondos-documentales/catalogos/>

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAGAS, M. S. Em busca do documento perdido: a problemática da construção teórica na área de documentação. In: CHAGAS, M. S. **Cadernos de Sociomuseologia**. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1994. P. 29 - 47.
- COSTA, E. P. **Princípios básicos da museologia**. Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus/Secretaria de Estado da Cultura, 2006.
- DEBARY, O. **Antropologia dos restos: da lixeira ao museu**. Pelotas: UM2 Comunicação, 2017.
- KOPYTOFF, I. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, A. **A vida social das coisas**. Niterói: EDUFF, 2008, p. 89-123.
- MAGALHÃES, M. O. **Agronomia: Um século**. Folheto do Acervo Biblioteca de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas, 40 P. Rastreador F981.657 M188a.
- LOURENÇO, M.; GESSNER, S. Documenting collections: cornerstones for more history of science in museums. In: **Science & Education**, v. 23, p. 727-745, 2014.
- MENESES, U. B. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, 1998.